

AS TEIAS DE SENTIDO DE GRACILIANO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE SÃO BERNARDO

Alfredo Werney Lima Torres¹

RESUMO

Pretendemos, no presente artigo, realizar uma análise da construção de sentido da narrativa do romance “São Bernardo”, de Graciliano Ramos. Objetivamos identificar as diversas isotopias que compõe a obra e como se articula o *plano do conteúdo* com o *plano da expressão* do texto. Para tanto, tomaremos como base os estudos da semiótica francesa (em especial de A.J Greimàs) e a teoria da linguagem do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev.

PALAVRAS-CHAVE: Isotopia. Semiótica. São Bernardo. Graciliano Ramos.

ABSTRACT

We intend in this article, conduct an analysis of the construction of meaning in the narrative of the novel "São Bernardo" by Graciliano Ramos. We aimed to identify the various isotopies that make up the work and how it articulates the *content plane* with *the expression plane* of the text. To this end, we will build on the studies of French semiotics (especially AJ Greimas) and the theory of language of Danish linguist Louis Hjelmslev.

KEYWORDS: Isotopy. Semiotics. São Bernardo. Graciliano Ramos.

1-INTRODUÇÃO

Graciliano Ramos ocupa um lugar de destaque na história da literatura brasileira, fato este que parece ser uma unanimidade da nossa crítica. Raro são os escritores que conseguiram expressar-se de forma tão intensa e exata em textos curtos e escritos com objetividade. A escrita deste romancista representa em nossa literatura uma ruptura com o *modus operandi* das literaturas barroca e romântica – marcado pela grandiosidade e eloquência.

Dessa maneira, o escritor de Alagoas busca a depuração da forma e a criação de um texto que se desvencilhe do lirismo carregado de exagero emocional – este muito comum na literatura brasileira que antecede o Modernismo. A escrita graciliânica recusa

¹ Alfredo Werney é mestrando em Literatura pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

este universo da exuberância e procura “solapar o sublime” (SECCHIN, 1999, p. 309). Busca atingir apenas o essencial, o equilíbrio apolíneo de um escultor clássico. Otto Maria Carpeaux (1999) afirmava, acertadamente, que o artista alagoano “seria capaz de eliminar páginas inteiras, eliminar os seus romances, eliminar o próprio mundo” (p.445), evidenciando a capacidade de concisão de suas narrativas.

São Bernardo, obra publicada em 1934, é um dos trabalhos mais representativos da escrita de Graciliano Ramos. Trata-se de um romance narrado em primeira pessoa que nos conta a ascensão e a decadência de Paulo Honório. Este é um homem do sertão de Alagoas que possui uma personalidade marcada pela ganância e pela busca do poder econômico a qualquer custo. Na trajetória de sua existência aparece Madalena, professora por quem se apaixona e escolhe para ser mãe de seu herdeiro. Depois de uma vida destruída pelo ciúme e tomada pela angústia, Madalena comete suicídio. Após a morte da professora, a vida de Paulo Honório entra em um contínuo processo de degradação. Ele perde, pouco a pouco, os funcionários de sua fazenda “São Bernardo” e atravessa um período de decadência econômica. Tais fatos fazem Paulo refletir sobre a sua arrogância e a ganância que cultivou durante toda a sua vida. A narrativa encerra com uma declaração de arrependimento, repleta de melancolia, angústia e solidão.

Observando os elementos que se encontram na narrativa do romance, objetivamos, através deste artigo, estudar a construção de sentido de *São Bernardo*. Interessa-nos compreender de que maneira são construídas as diversas *isotopias* presentes no romance e como se articulam os planos do conteúdo e da expressão desta obra literária.

Para a realização da presente análise, tomaremos como base os conceitos da semiótica francesa (em especial a teoria de A.J Greimàs) e os estudos de glossemática do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev (principalmente no que se refere ao conceito de *plano da expressão e plano do conteúdo*). Além disso, também contribuirão para as nossas análises a teoria semiótica do texto literário, de Diana Luz de Barros, e os estudos de análise do discurso realizados por José Luiz Fiorin.

Sabemos que o romance “São Bernardo”, por se tratar de uma obra de grande importância para a formação da literatura nacional, já foi amplamente estudado e discutido. Porém, ainda são poucas as discussões que abordam esta obra no campo da semiótica greimasiana. Dessa forma, acreditamos que podemos contribuir de maneira

substancial para que se efetuem leituras da obra do escritor de *Vidas Secas* mais voltadas para as camadas imanentes do texto. Ou seja, leituras que explorem as camadas estruturais do texto e não se apoie tão somente em aspectos extratextuais, como a biografia do autor, questões socioeconômicas do Nordeste, dentre outros.

2- A TEORIA SEMIÓTICA DO TEXTO

A semiótica, ao abordar um texto, não se preocupa com aspectos que estão fora dele, mas sim com os aspectos imanentes. Referimo-nos àqueles que podem ser observados na própria construção da obra. Com isso, não se quer afirmar que este tipo de análise abarque todas as complexidades dos textos e que as questões sociais não sejam também elementos construtores de sentido. O fato é que, para a semiótica, o contexto social não representa o mundo das coisas (como se costuma entender nas análises extratextuais), mas sim outros textos que dialogam com o que está sendo analisado.

Para a semiótica, os textos são construídos a partir de um percurso gerativo de sentido (que se costuma chamar de *plano do conteúdo*), que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Os três níveis são: *nível fundamental* ou das estruturas fundamentais; *nível narrativo* ou das estruturas narrativas; *nível do discurso* ou das estruturas discursivas. Diana Luz Pessoa de Barros (2010), ao tratar sobre cada um destes níveis, faz um resumo demasiado simplificado, mas de grande importância para as nossas análises:

- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. (p. 09)

O sentido de um texto perpassa, portanto, por várias etapas e a partir da investigação de cada uma e da maneira como elas se relacionam, torna-se possível

compreendermos “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2010, p. 07) – uma tarefa primordial da semiótica.

É necessário entendermos, entretanto, que o sentido de um texto não é construído apenas através das etapas descritas anteriormente. Dessa maneira, costuma-se inserir nas análises de base semiótica o *plano da expressão*. Segundo a teoria de Louis Hjelmslev (2003), trata-se do plano da linguagem em que se articulam os procedimentos formais que dão concretude ao conteúdo (no caso do texto verbal, podemos citar a construção rítmica, as figuras retóricas, a aliteração e a assonância, etc.). Diana Luz de Barros (2005) evidencia o interesse da semiótica por este plano de sentido do texto:

As estruturas textuais estão fora do percurso gerativo do sentido, e o exame do plano da expressão não faz parte das preocupações da semiótica. Tal ponto de vista pode ser mantido sempre que a expressão “transparente” assume apenas o encargo de suportar o significado ou, como o nome o diz, de expressar o conteúdo. Em grande número de textos, no entanto, a posição da semiótica não se sustenta, pois há, nesses textos, interesse em se explicarem as organizações da expressão para a tarefa de construção dos sentidos. Parece paradoxal, mas, neles, a expressão “produz” sentido. (p. 76).

O *plano do conteúdo* de um texto, principalmente no que se refere aos textos literários, “precisa unir-se ao um plano da expressão para manifestar-se” (FIORIN, 2011, p. 44). E sabemos que, no texto poético, diferentemente dos textos que apenas visam dar informações, “novos sentidos são agregados pela expressão ao conteúdo” (Idem, p. 45). Portanto, podemos concluir que é de grande valor para a nossa análise compreender a articulação do conteúdo do texto com o seu aspecto formal. Isto é, a articulação dos dois planos que compõem a linguagem – para utilizarmos termos mais completos.

3- UM BREVE OLHAR SOBRE A ISOTOPIA

José Luiz Fiorin, em “Elementos de análise do discurso”, ao realizar a análise do poema “Moenda de usina” (do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto), afirma-nos que existem discursos que articulam várias isotopias, ou seja, são plurissignificativos e devem ser lidos através da observação dos variados planos de sentido que o perfazem. É fundamental para a análise, a essa altura, que entendamos o conceito de *isotopia*. A

isotopia – inicialmente um termo utilizado na físico-química – trata-se, em linhas gerais, “da iteratividade, no decorrer de uma cadeia sintagmática, de classemas, que garantem ao discurso-enunciado a homogeneidade” (GREIMAS; COURTÉS, 2011. p. 275 e 276). Dessa forma, o que garante a coerência semântica de um texto e o torna um objeto dotado de sentido é o fenômeno da *isotopia*. Na escrita de um texto, verificamos este fenômeno através da reiteração, da repetição de estruturas, da redundância, da recorrência de traços semânticos ao longo do discurso (FIORIN, 2011, p. 112).

Podemos afirmar que *São Bernardo*, tomando como base os conceitos da semiótica e da análise do discurso, é uma obra literária composta a partir de diversos planos de sentidos. Dessa forma, podemos realizar uma leitura desse romance a partir de suas variadas *isotopias*. Basta observarmos que o romance de Graciliano é construído por oposições binárias: ascendência/ decadência; rusticidade/ modernidade; delicadeza/ brutalidade; individualismo/ coletivismo. Cada uma destas relações de oposição compõe um plano de sentido diferente, dando-nos a oportunidade de compreendermos a obra literária por diferentes vieses. Como afirmara A. J Greimàs (1973, p. 28) “a significação pressupõe a existência da relação: é o aparecimento da relação entre os termos que é a condição necessária da significação”.

Cabe, a partir da discussão sobre o fenômeno da *isotopia*, verificarmos as diversas teias de sentido que compõe o discurso de Graciliano Ramos. Ao estudarmos o romance “*São Bernardo*”, vimos que ele é estruturado por dicotomias. Estas dicotomias são a base da construção do percurso gerativo de sentido do texto, pois é a partir delas que se organizam a narrativa. Para a realização de uma análise mais coesa, elencamos apenas três planos de sentido, visto que seria muito extenso o estudo de todas as construções isotópicas da obra – que possui uma teia de sentidos organizada de uma forma complexa.

4- OS DIVERSOS PLANOS DE SENTIDO

4.1- ASCENDÊNCIA *VERSUS* DECADÊNCIA

Paulo Honório narra, em “*São Bernardo*”, sua trajetória de vida – trajetória esta pautada pela ganância e pela falta de solidariedade com as pessoas de seu meio social. Há, no nível fundamental da narrativa, o momento de sua ascensão e de sua decadência. Portanto, “ascensão”/ “decadência” é uma das oposições semânticas mais evidentes no

texto de Graciliano Ramos. A sua ascensão é representada pela tomada da fazenda São Bernardo e pelo seu crescimento político e econômico. A decadência é representada pela escassez econômica, pela solidão e arrependimento (um dos momentos de maior intensidade poética do livro). Vejamos, em dois trechos da narrativa, cada um dos momentos vividos por Paulo Honório:

Primeiro momento

Casou-nos o Padre Silvestre, na capela de São Bernardo, diante do altar de São Pedro. Estávamos em fins de janeiro. Os paus-d'arco, floridos, salpicavam a mata de pontos amarelos; de manhã a serra cachimbava; o riacho, depois das últimas trovoadas, cantava grosso, bancando rio, e a cascata em que se despenha, antes de entrar no açude, enfeitava-se de espuma.

Quando viu os arames da iluminação, o telefone, os móveis, vários trastes de metal, que Maria das Dores conservava areados, brilhando, Dona Glória confessou que a vida ali era suportável...

- Eu não dizia?

Ofereci-lhe um quarto no lado esquerdo da casa, por detrás do escritório, com janela para o muro da igreja, vermelho. O muro está hoje esverdeado pelas águas da chuva, mas naquele tempo era novo e cor de carne crua. Eu e Madalena ficamos no lado direito e da nossa varanda avistávamos o algodão, o prado, o descaroador com a serraria e a estrada, que se torce contornando um morro.

- Vamos começar vida nova, hem? disse Madalena alegremente. (p.97).

Segundo momento

Entrei nesse ano com o pé esquerdo. Vários fregueses que sempre tinham procedido bem quebraram de repente. Houve fugas, suicídios, o Diário Oficial se emprenhou com falências e concordatas. Tive de aceitar liquidações péssimas.

O resultado foi desaparecerem a avicultura, a horticultura e a pomicultura. As laranjas amadureciam e apodreciam nos pés. Deixá-las. Antes disso que fazer colheita, escolha, embalagem, expedição, para dá-las de graça.

Uma infelicidade não vem só. As fábricas de tecidos, que adiantavam dinheiro para a compra de algodão, abandonaram de chofre esse bom costume e até deram para comprar fiado. Vendi uma safra no fuso, e enganaram-me na classificação. Era necessário adquirir novas máquinas para o descaroador e para a serraria, mas na hora dos cálculos vi que ia gastar uma fortuna: o dólar estava pelas nuvens.

- Vamos deixar de novidade. Sacrificar-me e no fim entregar a mercadoria de mão beijada a esses velhacos!

Ainda por cima os bancos me fecharam as portas. Não sei por quê, mas fecharam. E olhem que nunca atrasei pagamentos. Enfim uma penca de caiporismos. Cheguei a dizer inconveniências a um gerente:

- Pois se os senhores não querem transigir, acabem com isso. Ou os papéis valem ou não valem. Se valem, é passar o arame. Pílulas! Eu encomendei revolução?

Em seis meses havia tão grande quebradeira que torrei nos cobres o automóvel para não me protestarem uma letra vagabunda de seis contos. (190-192).

A partir destes trechos escolhidos, podemos perceber, de maneira patente, como o autor trabalha com a dicotomia “ascensão” (apresentada no primeiro trecho) e “decadência” (apresentada no segundo trecho). Graciliano mostra como a ganância e o individualismo foi derruindo a vida amorosa e social de Honório. Embora construído a partir de um referencial da região Nordeste, “São Bernardo” atinge discussões universais, na medida em que reflete sobre o poder, a cobiça e a decadência do ser humano no mundo do capitalismo.

No nível narrativo, observamos que há a mudança de um estado de conjunção de Paulo Honório com o poder econômico (que é o momento de prosperidade de São Bernardo) para um estado de disjunção (que é o momento em que a fazenda perde os funcionários e passa a não mais obter os lucros de outrora). A causa principal dessa mudança de estado é o suicídio de Madalena, que desencadeia uma série de transformações na fazenda “São Bernardo”, como a saída de Ribeiro e de D. Glória.

No nível do discurso, podemos ler “São Bernardo” como uma instigante reflexão sobre a ganância e a cobiça humana. O livro mostra, em linhas gerais, como estas duas formas de pensamento podem desequilibrar a vida do ser humano e levá-lo a um estado de miserabilidade espiritual. Em um nível mais concreto da leitura, o romance discute o individualismo presente no sistema capitalista e expõe as consequências que o ser humano pode chegar ao ser levado pelo espírito do engrandecimento econômico a qualquer custo.

4.2- DECADÊNCIA DAS OLIGARQUIAS RURAIS *VERSUS* MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA

“São Bernardo” nos apresenta dois mundos que nos remetem a divisão da sociedade agrária brasileira do início do século XX: República Velha (ruralista e de ideias

conservadoras) e a República Nova (varguista e ligada à modernização da agricultura). Em “São Bernardo” estes dois modelos são compostos pelos personagens Mendonça e Paulo Honório. O primeiro personagem está ligado ao mundo rural e oligárquico e o segundo ao mundo do capitalismo e da divisão de trabalho – muito embora P. Honório se utilize de diversas práticas, típicas do coronelismo e das oligarquias ruralistas, para atingir o poder. Na verdade, este personagem objetiva sempre o acúmulo financeiro, daí que sua fala geralmente está associada a números e a quantidades.

Mendonça representa, de certa maneira, a decadência dos senhores de engenho e do poder patriarcal das famílias tradicionais nordestinas. Paulo Honório, por outro lado, não é de família tradicional e enriquece através do trabalho e da utilização de práticas ilícitas. Seu desejo é ver “São Bernardo” prosperar e lhe render muito lucro. Dessa forma, o personagem representa essa modernização da agricultura, que não mais se baseia no nome e no tradicionalismo familiar, mas no trabalho e na prosperidade financeira (ainda que de forma desonesta, como podemos ver, a todo o momento, na trajetória de Paulo Honório). Graciliano expõe a modernização dos espaços rurais nesta passagem:

Ora, essas coisas se passaram antigamente. Mudou tudo. Gente nasceu, gente morreu, os afilhados do major cresceram e foram para o serviço militar, em estrada de ferro.
O povoado transformou-se em vila, a vila transformou-se em cidade, com chefe político, juiz de direito, promotor e delegado de polícia.
Trouxeram máquinas – e a bolandeira do major parou.
Veio o vigário, que fechou a capela e construiu uma igreja bonita. As histórias dos santos morreram na memória das crianças.
Chegou o médico. Não acreditava nos santos.
A mulher de Seu Ribeiro entristeceu, emagreceu e finou-se.
O advogado abriu consultório, a sabedoria do major encolheu-se – e surgiram no foro numerosas questões.
Efetivamente a cidade teve um progresso rápido. Muitos homens adotaram gravatas e profissões desconhecidas. Os carros de bois deixaram de chiar nos caminhos estreitos. O automóvel, a gasolina, a eletricidade e o cinema. E impostos. (p. 36).

A partir do que já expomos, podemos visualizar a oposição semântica básica que compõe o nível fundamental desse plano de leitura: “rusticidade” *versus* “modernização”. E essa divisão será trabalhada durante todo o romance, sempre evidenciando a vontade e a ganância de Honório em transformar a fazenda em um lugar de grande lucro financeiro.

Do ponto de vista da narrativa, observamos que esta se centra na conjunção de Paulo Honório com o desenvolvimento de um sistema agrícola moderno e rendoso em São Bernardo, em oposição ao atraso das oligarquias ruralistas. O personagem se utiliza de vários meios, muitos destes desonestos, para articular o desenvolvimento de sua fazenda. Honório se aproveita das pessoas que o cercam (como Ribeiro), faz com que Padilha (herdeiro de São Bernardo) se endivida para tomar as suas terras, rouba parte das terras de Mendonça, dar ordens a Casimiro Lopes. Ademais, comete o mais grave de todos os seus erros: monta uma emboscada e tira a vida de Mendonça.

Se bem observarmos, os personagens do romance de Graciliano são meros títeres nas mãos de Paulo Honório. Não possuem espaço para se expressarem de forma mais livre, pois sempre são tomados pela voz imperativa do dono de São Bernardo. Os personagens vão entrando na narrativa (ou saindo dela), de acordo com o interesse e vontade do narrador – o que enfatiza o seu individualismo.

No nível do discurso, como já mencionamos anteriormente, a obra de Graciliano nos revela as diferenças da sociedade agrária do Brasil. De um lado, uma sociedade ainda ligada ao mundo rural e pautada na tradição das grandes famílias oligárquicas do Nordeste, que almejam tornar as relações de poder cristalizadas. De outro lado, uma sociedade emergente que busca o lucro através do trabalho e da modernização da agricultura e que desejam derrubar – independentemente dos recursos utilizados – o tradicionalismo das oligarquias, para que possam ascender economicamente.

4.3- BRUTALIDADE *VERSUS* DELICADEZA

Não é difícil perceber, ao lermos o romance de Graciliano, o contraste existente entre uma personalidade pautada pela brutalidade e pelo uso da força e outra pautada pela delicadeza e sensibilidade. Estamos nos reportando, respectivamente, a Paulo Honório e Madalena.

Paulo Honório escolheu sua esposa, a princípio, por uma questão racional e prática: queria, de qualquer forma, um herdeiro para a fazenda “São Bernardo”. Seria preciso, dessa maneira, uma esposa (em sua visão, uma espécie de objeto de uso pessoal) para a realização de seus objetivos. Madalena, uma professora da escola

normal, era uma pessoa justa e serena. Ela decidiu se casar com Honório e morar, juntamente com a sua tia D. Glória, no São Bernardo, após ser cortejada pelo dono do sítio. Madalena era uma pessoa que mantinha uma relação amistosa, regulada pela coletividade, com os habitantes daquele espaço. Este fato desencadeou um enorme ciúme em Paulo, que passou a ter um desejo de posse pela esposa assim como tinha pelas terras de sua fazenda.

Nas estruturas fundamentais da narrativa, verificamos a oposição entre a “brutalidade” e a “delicadeza”. O marido sempre preocupado com o enriquecimento econômico e a esposa com a vida amorosa e com a vida dos habitantes da fazenda. Vejamos uma passagem do romance que tornam patente tal oposição:

Conforme declarei, Madalena possuía um excelente coração. Decobri nela manifestações de ternura que me sensibilizaram. E, como sabem, não sou homem de sensibilidades. É certo que tenho experimentado mudanças nestes dois últimos anos. Mas isto passa. As amabilidades de Madalena surpreenderam-me. Esmola grande. Percebi depois que eram vestígios de bondade que havia nela para todos os viventes. Paciência. Eu não devia esperar nem esses sobejos – e o que viesse era lucro. Vivemos algum tempo muito bem. (104).

Nesta passagem, Paulo Honório revela o contraste entre sua personalidade e a da esposa. “Madalena possuía um excelente coração”, diz ele ao tratar de sua companheira. Ao tratar de si mesmo, ele declara de forma direta e seca: “não sou homem de sensibilidades”, fato que torna visível a sua aspereza.

No que se refere ao nível narrativo do romance, verificamos que há uma mudança no comportamento de Paulo Honório ao se casar com Madalena. Sua ganância é suavizada, mas em seguida ele se torna uma pessoa extremamente ciumenta. A trajetória de Paulo é marcada pelas relações de conjunção e disjunção com a riqueza e com amor de Madalena. O personagem oscila entre momentos de ciúme, de amor, de apego exagerado ao dinheiro. Sua vida nunca será tranquila, pois estas instabilidades de sua *psique* o tornam uma pessoa demasiadamente perturbada. Nas palavras do próprio personagem:

- Estraguei minha vida, estraguei-a estupidamente [...]

Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. (p. 188-190).

No nível discursivo, a narrativa expõe as diferenças entre o universo do homem nordestino (bruto e impulsivo, na visão do autor) com o universo feminino (sensível e delicado). Esta ideia pode ser lida em um sentido mais amplo (poderíamos dizer universal): o livro revela as diferenças comportamentais entre os dois gêneros, mostrando a mulher como um ser mais compreensivo e racional, enquanto o homem é visto como um ser impulsivo e de personalidade pouco flexível. Há também outras *isotopias* que surgem a partir dessa diferença entre Honório e Madalena, tais como: capitalismo *versus* socialismo; individualismo *versus* coletividade; impulsividade *versus* racionalismo.

5.0- O TEXTO “SEM BAGAÇOS”: A HARMONIA ENTRE OS PLANOS DO CONTEÚDO E DA EXPRESSÃO

É o processo que adoto: extraio dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço. (Paulo Honório-São Bernardo)

Paulo Honório, na frase acima, revela muito bem o processo de construção de sua narrativa (poderíamos estender a ideia para toda obra de Graciliano): extrair os excessos e deixar apenas o essencial, a forma depurada sem “bagaços”. As diversas *isotopias* apresentadas (ascendência *versus* decadência, decadência das oligarquias rurais *versus* modernização da agricultura e brutalidade *versus* delicadeza) apresentam-se no *plano da expressão* na forma de uma linguagem seca, da contenção retórica e de um discurso direto. Se bem observarmos, este *modus operandi* está presente na narrativa de *Vidas Secas* e de outras obras de G. Ramos: uma escrita que procura sempre economizar os recursos estilísticos. Antonio Candido (1992), em seu livro “Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos”, ressalta este aspecto estrutural de sua obra:

Esse medo de encher linguiça é um dos motivos da sua eminência, de escritor que só dizia o essencial e, quanto ao resto, preferia o silêncio. O silêncio devia ser para ele uma espécie de obsessão, tanto assim que quando corrigia ou retocava os seus textos nunca aumentava, só cortava, cortava sempre, numa espécie de fascinação abissal pelo nada – o nada do qual extraíra a sua matéria, isto é, as palavras que inventam as coisas, e ao qual parecia querer voltar nessa correção- destruição de quem nunca estava satisfeito. (p.144)

Em “São Bernardo”, o mundo do sertão, da pobreza, da brutalidade está expresso nas frases curtas, na falta de melodia e na inserção de imagens exatas e concretas. Observemos o trecho abaixo, em que Paulo Honório indaga sobre sua própria escrita:

- Para que serve a gente discutir, explicar-se? Para quê? Para quê, realmente? O que eu dizia era simples, direto, e procurava de balde em minha mulher concisão e clareza. Usar aquele vocabulário, vasto, cheio de ciladas, não me seria possível. E se ela tentava empregar a minha linguagem resumida, matuta, as expressões mais inofensivas e concretas eram para mim semelhantes às cobras: faziam voltas, picavam e tinham significação venenosa. (p. 156).

Esta passagem do texto evidencia o desejo de construir uma linguagem simples e sem ornamentos desnecessários – traços estilísticos comuns no modernismo brasileiro, que procurou se desvencilhar de muitos clichês do Romantismo. A fala de Paulo Honório, nesse sentido, é peremptória: “Usar aquele vocabulário, vasto, cheio de ciladas, não me seria possível”. Efetivamente, o personagem nos mostra o seu projeto estético – este avesso à exuberância e ao exotismo.

Diana Luz Pessoa de Barros (2010, p. 81) nos diz que “as organizações secundárias da expressão, do mesmo modo que o percurso gerativo de conteúdo, têm o papel de investir e concretizar os temas abstratos e de fabricar efeitos de realidade”. Neste sentido, podemos resumir dizendo que os recursos de expressão utilizados por Graciliano objetivam criar um efeito de realidade, mostrando-nos, através da expressão, as questões discutidas no texto. Com efeito, o *plano da expressão* e o *plano do conteúdo* da obra “São Bernardo” harmonizam-se, tornam-se equivalentes e se complementam.

6.0 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

“São Bernardo” é uma das obras de Graciliano Ramos que mais se destacaram em nossa literatura moderna. Trata-se de uma obra literária *plurisotópica* (ou seja, possuidora de várias *isotopias*) e, por este motivo, apresenta-nos variadas possibilidades de leitura. Em nossa análise observamos a construção de sentido da narrativa e destacamos os seguintes planos isotópicos: a *isotopia* da decadência econômica e individual provocada pela ganância; a da brutalidade masculina em oposição à delicadeza e à racionalidade feminina; a da decadência das oligarquias rurais e a modernização da agricultura e da sociedade agrária brasileira.

Esses planos de sentidos presentes na obra de Graciliano Ramos revelam-nos uma escrita, ainda que clara e objetiva, que não visa apresentar uma única visão sobre um determinado conteúdo da realidade. Trata-se de um romance que brota da multiplicidade de sentido do mundo e das coisas. A obra, dessa forma, possui uma construção narrativa que não se esgota no puro exercício estético (embora composta com rigor formal), mas que cria um conjunto de signos que nos mostram – de uma forma contundente e direta, como poucos romances da nossa literatura – a ganância, o ciúme e o processo de degradação do ser humano.

Em nossa análise, foi possível também verificarmos (com base nos estudos do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev) que existe uma estreita ligação entre o *plano do conteúdo* e o *plano da expressão* no texto do escritor alagoano. Graciliano Ramos se utilizou de uma escrita concisa e depurada, avessa à retórica e a ornamentos sem necessidade, para representar as diversas *isotopias* do discurso literário. Portanto, na leitura realizada verificamos que houve uma harmonia entre os dois planos de sentido do texto (expressão e conteúdo). Fato este que nos mostra que a linguagem literária, na concepção do escritor, não é meramente um meio de refletir sobre as coisas e criar conceitos. Sua escrita convence-nos de que a literatura pode se transformar nas próprias “coisas” que se propõe a representar.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- CARPEAUX, Otto M. Visão de Graciliano. In: *Ensaios reunidos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 443-449.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- GREIMAS, Algirdas J; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu D. Lima, Diana L. P. De Barros, Eduardo P. Cañizal, Edward Lopes, Ignacio A. da Silva, Maria José C. Sembra, Tiekō Y. Miyazaki. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- GREIMAS, Algirdas J. *Semântica estrutural*. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: Edusp. 1973.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. de José Teixeira Coelho Netto. 2 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009.
- RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 72 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SECCHIN, Antônio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.